

nicação e o intercâmbio dos pesquisadores em atividade e fornecer patrocínio real ao avanço de idéias e experimentos. A Coroa britânica ouviu seus conselhos.

O FAZER CIENTÍFICO Pode-se notar como era artesanal o modo de fazer o que viria a ser a ciência. Os trabalhos eram, em geral, de um único autor, periodicidade bastante irregular, e os relatos tinham tom pessoal. Todas as disciplinas cabiam numa única revista. Não havia separação entre amadores e profissionais: cientistas eram diletantes, excêntricos, cavalheiros, teólogos. A escala da atividade científica era pequena, as oportunidades de emprego eram raras. Se uma descoberta ou invenção se mostrava útil, isso não era parte de um esforço sistemático para obter inovações técnicas e muitas vezes nem se dava de forma intencional.

Foi somente no século XIX que a atividade de pesquisa científica se profissionalizou e passou a integrar, como capital, o sistema de produção, conquistando espaço crescente nas universidades, indústrias e governos. Petróleo, eletricidade, aço e motor de explosão, setores industriais nos quais a pesquisa de cunho mais teórico se mostrou de grande utilidade, abriram os olhos da classe capitalista. Em especial, aos das empresas gigantes que surgiam, frutos da concentração de capital, não escaparia a percepção da importância da pesquisa como meio de estimular ainda mais a acumulação de capital.

Flávia Natércia



Demonstração em arco-e-flecha; ao fundo, equipe de pesquisadores assiste aos jogos

ANTROPOLOGIA

AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE INDÍGENA NO ESPORTE

Várias etnias indígenas reúnem-se, todo o ano, para festas e eventos esportivos no Brasil. São diferentes modalidades – como cabo-de-guerra, corrida de toras, bola de borracha com cabeça, arco-e-flecha, canoa-gem e zarabatana – numa competição onde não se espera o anúncio dos campeões: todos são ganhadores. Alguns pesquisadores que integram a parceria da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) com a Universidade Politécnica de Madri (Espanha) são frequentadores assí-

duos desses eventos desde 2005, quando iniciaram sua coleta de material (equipamentos e vestuário), o que possibilitou, em outubro último, realizar a primeira exposição sobre o tema na capital espanhola. A mostra itinerante vai cumprir um roteiro pelo país até chegar ao Brasil. A equipe é formada por Maria Beatriz Rocha Ferrreira e Vera Regina Toledo Camargo, da Unicamp, e Manuel Hernández Vázquez, Alicia Sánchez Gómez, Pedro Jiménez Martín e Diana Belén Ruiz Vicente, da Politécnica de Madri. O interesse de Vázquez no projeto vem de sua experiência como diretor do Museu de Desportes do Instituto Nacional de Educação Física (INEF), em Madri, e, por isso, entusiasta da idéia de o Brasil investir em um museu dedicado ao tema.

O Brasil é uma das principais nações com representação indígena, distribuída em 261 etnias e mais de 350

mil indivíduos. Mesmo assim, ainda há poucas exposições relevantes sobre a cultura indígena e menos ainda sobre seus esportes, lembram as pesquisadoras da Unicamp. Existem pelo menos quatro museus, encontráveis na internet mas não listados pela Funai: Museu do Índio da Fundação Biblioteca Nacional (RJ), o Museu do Índio Tuküna, em Novo Hamburgo (RS), o Memorial dos Povos Indígenas em Brasília (DF) e o Museu do Índio, em Cuiabá (MT). Em maio, a equipe apresentará os primeiros resultados desse trabalho no Fórum Social Indígena, para que os índios sejam informados sobre a pesquisa em que participaram como objeto. A colaboração firmada entre as duas universidades inicia, este ano, a segunda fase e deve focar-se na divulgação das informações colhidas, por meio de exposições, publicações de livros e artigos, assim como a edição e digitalização de filmes capturados por algumas etnias e que correm o risco de se deteriorar.

TROCAS CULTURAIS Iniciados há cerca de dez anos, os jogos de povos indígenas regionais, estaduais e nacionais têm cumprido o papel, também, de estimular o intercâmbio cultural e servir de fórum para discussões, o que fortalece a cultura das diferentes tribos. Esses eventos são promovidos pelo Comitê Intertribal – Memória e Ciência Indígena e pelo Ministério dos Esportes, entre outros apoiadores. Os jogos estaduais já ocorreram em Tocantins, Pará, Amazonas, Mato Grosso do Sul, Paraná, Goiás e Bahia. Com a divulgação de atividades de lazer, rituais e ritos de sobrevivência, os índios têm conseguido não apenas mostrar a importância de sua cultura para os não-índios e outras etnias, como também reforçá-la internamente, considera a antropóloga Maria Beatriz, do Laboratório de Antropologia Biocultural da Faculdade de Educação Física da Unicamp. “O depoimento de caciques mostra que eles vêem o esporte como re criação e

meio de fixar o índio nas aldeias”, conta. Além dos problemas de pobreza, alcoolismo e prostituição que costumam acometer alguns dos que estão próximos das cidades, o suicídio é um drama que atinge algumas etnias. Esse é o caso dos Guarani Kaiowá no Mato Grosso do Sul, cuja média de suicídio é de 50 mortes ao ano, em uma população de 38 mil pessoas. Entre as explicações para o fato está o “esgotamento de qualquer possibilidade de recuar no espaço, diante da ‘civilização ocidental’, e, simultaneamente, ter seus valores de dignidade humana aviltados”, afirma Anastácio Morgado, da Escola de Saúde Pública da Fiocruz em artigo sobre o suicídio na etnia nos *CADERNOS de Saúde Pública* (vol.7, n.4, 1991). “O esporte não vai resolver o problema do suicídio, mas é um meio minimizar o drama”, enfatiza a antropóloga da Unicamp, há 15 anos dedicada ao estudo da antropologia desportiva.

Germana Barata



Ricardo Iojal

Preparação do competidor



Pamell Hernandez Vasquez

Índios Kaiapós: uma das equipes participantes dos jogos realizados no Pará, em 2006